

MAPEAMENTO SISTEMÁTICO: K-SHAPED RECOVERY BRAZIL

SYSTEMATIC MAPPING: K-SHAPED RECOVERY
BRAZIL

ANÁLISIS SISTEMÁTICO: K-SHAPED RECOVERY BRAZIL

SUMÁRIO:

Introdução; 1. Material e métodos; 2. Resultados; 2.1 K-shaped recovery: delimitação conceitual; 2.2 Divergências entre países ricos e pobres; 2.3 Alternativas inteligentes; Considerações finais; Referências.

RESUMO:

Este trabalho analisa a aplicabilidade do conceito de recuperação econômica em forma de K, que divide a sociedade em ganhadores e perdedores. O conceito é discutido em geral e no contexto brasileiro. A origem e o desenvolvimento do termo são delimitados e o texto aborda a hipótese de um duplo efeito K no Brasil, além de alternativas inteligentes para lidar com as consequências decorrentes do efeito K. O mapeamento sistemático da literatura é utilizado para esclarecer o conceito e viabilizar trabalhos futuros com base nele. A máquina de busca foi o Google Acadêmico. O descritor utilizado foi “K-shaped recovery Brazil”. O período de pesquisa compreendido foi entre 2020 e 2022. Os critérios de inclusão e exclusão de trabalhos foram o rigor científico e a abrangência adequada do objeto de estudo. Os resultados são apresentados em três subtópicos: o primeiro analisará o uso acadêmico do termo “K-shaped recovery”; o segundo abordará a divergência entre países ricos e pobres durante a crise da Covid-19; e o terceiro discutirá

Como citar este artigo:
OLIVEIRA,
Guilherme,
MURARO, Darcísio,
SILVA, Caique,
ALVES, Fernando,
Mapeamento
sistemático: K-Shaped
Recovery Brasil.
Argumenta Journal
Law, Jacarezinho – PR,
Brasil, n. 44 2024,
p. 413-442.

Data da submissão:
10/10/2024

Data da aprovação:
17/02/2025

1. Universidade Estadual de Londrina – Brasil
2. Universidade Estadual de Londrina – Brasil
3. Universidade Estadual de Londrina – Brasil
4. Universidade Estadual do Norte do Paraná – Brasil

alternativas para mitigar o efeito K internacionalmente e, mais especificamente, no contexto brasileiro. As considerações finais são no sentido de que o mapeamento sistemático permite esclarecer o conceito de K-shaped recovery e fornece bases mais sólidas para trabalhos futuros que explorem ainda mais este fenômeno, principalmente com a consolidação dos efeitos decorrentes da Pandemia da COVID-19 que ainda estão por vir.

ABSTRACT:

This work analyzes the applicability of the K-shaped economic recovery concept, which divides society into winners and losers. The concept is discussed in general and in the Brazilian context. The origin and development of the term are outlined, and the text addresses the hypothesis of a double K effect in Brazil, as well as smart alternatives to deal with the consequences resulting from the K effect. The systematic literature mapping is used to clarify the concept and enable future work based on it. The search engine used was Google Scholar, and the descriptor was “K-shaped recovery Brazil”. The period of research was between 2020 and 2022. The inclusion and exclusion criteria for works were scientific rigor and adequate coverage of the study object. The results are presented in three subtopics: the first will analyze the academic use of the term “K-shaped recovery”; the second will address the divergence between rich and poor countries during the Covid-19 crisis; and the third will discuss alternatives to mitigate the K effect internationally and, more specifically, in the Brazilian context. The final considerations suggest that the systematic literature mapping helps to clarify the concept of K-shaped recovery and provides a more solid foundation for future work that further explores this phenomenon, especially with the consolidation of the effects resulting from the COVID-19 pandemic that are yet to come.

RESUMEN:

Este trabajo analiza la aplicabilidad del concepto de recuperación económica en forma de K, que divide a la sociedad en ganadores y perdedores. El concepto se discute en general y en el contexto brasileño. Se delinear el origen y el desarrollo del término y el texto aborda la hipótesis de un doble efecto K en Brasil, además de alternativas inteligentes para lidiar con las consecuencias derivadas del efecto K. El mapeo sistemático

de la literatura se utiliza para aclarar el concepto y viabilizar trabajos futuros basados en él. La máquina de búsqueda fue Google Académico. El descriptor utilizado fue “K-shaped recovery Brazil”. El período de investigación comprendido fue entre 2020 y 2022. Los criterios de inclusión y exclusión de trabajos fueron el rigor científico y la abrangencia adecuada del objeto de estudio. Los resultados se presentan en tres subtópicos: el primero analizará el uso académico del término “K-shaped recovery”; el segundo abordará la divergencia entre países ricos y pobres durante la crisis de la Covid-19; y el tercero discutirá alternativas para mitigar el efecto K internacionalmente y, más específicamente, en el contexto brasileño. Las consideraciones finales son en el sentido de que el mapeo sistemático permite esclarecer el concepto de K-shaped recovery y proporciona bases más sólidas para trabajos futuros que exploren aún más este fenómeno, principalmente con la consolidación de los efectos derivados de la Pandemia de la COVID-19 que aún están por venir.

PALAVRAS-CHAVE:

K-shaped recovery; Recuperação econômica pós-crise; Desigualdade econômica; Economia brasileira; Mitigação de desigualdades.

KEYWORDS:

K-shaped recovery; Post-crisis economic recovery; Economic inequality; Brazilian economy; Mitigation of inequalities.

PALABRAS CLAVE:

K-shaped recovery; Recuperación económica post-crisis; Desigualdad económica; Economía brasileña; Mitigación de desigualdades.

INTRODUÇÃO

A proposta consiste em analisar a aplicabilidade no contexto brasileiro do termo que, segundo as pesquisas indicam, foi disseminado por Peter Atwater, Professor da Universidade de Delaware e William & Mary, para explicar um modo específico de recuperação econômica: *K-shaped recovery*. Este conceito segue a lógica de outros modelos para explicação de trajetórias de recuperação econômica em contextos pós-crise, que

adotam letras como U, V ou L. Mas como é apontado pelo próprio Peter Atwater, diferente dos outros modelos, a recuperação em K mostra uma recuperação que ocorre em duas velocidades e que, por isso, divide a sociedade em dois grupos: dos perdedores e dos ganhadores. Os ganhadores são aqueles que - por condições peculiares - se adequariam melhor ao cenário adverso, conseqüentemente superariam muito mais rápido e possivelmente mais ricos. Por outro lado, os perdedores - também diante de suas condições peculiares - estariam mais expostos aos riscos e aos prejuízos da crise: a recuperação seria muito mais lenta ou até impossível a depender da singularidade de cada contexto.

A expressão K-shaped Recovery foi pensada para explicar um fenômeno que acontecia especificamente nos Estados Unidos e ganhou projeção relativamente rápido, em meados de agosto de 2020. Em artigo veiculado no *The Washington Post*, Heather Long (2020) disseminou essa expressão que foi atribuída a *economistas*, ocasião em que citou Peter Atwater para explicá-la - professor das universidades de *William & Mary* e *Delaware*. A expressão, à época, explicava que os mais ricos estariam no caminho da plena recuperação; enquanto, para a maioria das pequenas empresas e das pessoas em situação mais difícil, as coisas só pioraram. Atwater (2020), em artigo de própria autoria divulgado no *LinkedIn* em setembro de 2020, discorre que, se ouvimos a respeito do termo *K-shaped recovery*, é provavelmente por sua causa; também, discorre que muitos economistas estariam aguardando, a partir do contexto pós-covid, que a recuperação em K se ampliasse ainda mais. Nesse mesmo artigo, Atwater (2020) atribui o termo a um perfil na rede social Twitter de IvanTheK, num contexto puramente informal; e nossa pesquisa não indica que haja qualquer outra fonte com rigor técnico mais apurado prévio à adequação feita por esse professor.

O objetivo do trabalho é delimitar o conceito, origem e desenvolvimento do termo K-shaped recovery, explorar sua (in)adequação na perspectiva da economia brasileira, verificar a possibilidade de um duplo efeito K na sociedade civil e entre estados-nação, e analisar escolhas e alternativas para mitigar as desigualdades. Para isso, foi utilizado um Mapeamento Sistemático para revisar a literatura e depurar o conceito, possibilitando trabalhos futuros baseados nele. Dentre outros pontos, o texto também menciona a importância do investimento em Tecnologia Digital

para a resiliência econômica dos países, além da necessidade de desenvolver soluções para reduzir a desigualdade entre ganhadores e perdedores.

1. MATERIAL E MÉTODOS

O protocolo de pesquisa para Mapeamento Sistemático [MS], segundo as instruções para elaboração de trabalho de conclusão de curso, deve apresentar os seguintes elementos:

Questão de pesquisa: Recuperação em K no Brasil

Máquina de busca: Google Acadêmico

Idioma: Inglês.

Parâmetro cronológico: 2020-2022 (setembro). A delimitação do período se justifica porque a expressão é cunhada durante a Pandemia da Covid-19, já em 2020. Pesquisas na Máquina de Busca com período mais amplo (anterior a 2020) retornaram respostas que fugiam completamente do contexto econômico; assim, ampliar o parâmetro seria contraproducente. Além disso, para delimitar um período de pesquisa a fim de viabilizar a leitura do material e redação deste trabalho em tempo hábil, foram compreendidos textos disponibilizados na plataforma Google Acadêmico até setembro de 2022.

Descritores: K-shaped recovery Brazil.

Critérios de inclusão e exclusão: Por razão do curto espaço de tempo para elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso e a adequação aos desafios indicados na introdução do texto, o descritor adotado para pesquisa foi: *K-shaped recovery Brazil*. Sem aspas. Com esse descritor, foi possível abarcar todos os resultados entre 2020 e 2022 que tratam da noção de *k-shaped recovery* e, ao mesmo tempo, mencionam o Brasil.

O Mapeamento Sistemático [MS] considera apenas artigos, livros e relatórios de grandes instituições privadas e organizações internacionais, além de apenas textos gratuitos.

São incluídos: Artigos científicos e capítulos de livro, considerando que, ao menos em tese e quanto à maioria deles, passaram por análise de pares e gozam de maior confiabilidade. Também serão incluídos relatórios de instituições privadas de grande porte e organizações internacionais. Quanto aos relatórios, a justificativa para a inclusão se dá pela análise (ainda precária) da bibliografia especializada, além de que os relatórios demonstram contornos práticos bem mais claros/interessantes para

a aplicabilidade da noção de K-shaped Recovery – em regra, abalizados em dados robustos (um exemplo é o texto *Prospects for children in 2022: a global outlook*, da UNICEF). Além disso, esses estudos e relatórios fornecem dados mais amplos sobre diferentes nações, desenvolvidas ou em desenvolvimento – como ênfase no contexto do Brasil.

São excluídos: i) artigos e livros pagos ou de acesso restrito; ii) editoriais e entrevistas, pela falta de rigor acadêmico e alto teor de subjetividade; e iii) trabalhos de conclusão de curso, diante da novidade do tema e a consequente ausência de teses que encaram esse problema - além do fato que a busca retornou apenas Trabalhos de Conclusão de Curso de Graduação e Dissertações; assim, pareceu mais adequado focar em artigos e (capítulos de) livros - com maior rigor científico iv) trabalhos que, por causa da abertura do descritor, retornarem resultados descorrelacionados com a questões econômica.

Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, restaram 48 textos para extração e síntese de dados, que serão apresentados nas próximas tabelas.

Extração dos dados: Após a leitura integral dos 48 textos depurados, foi elaborada uma planilha eletrônica para explorar a aparição e os contextos de uso do termo k-shaped recovery. A planilha foi estruturada em sete colunas, com os seguintes objetivos: i) apresentar o título da pesquisa; ii) indicar o ano de publicação do texto; iii) demonstrar quem são os autores; iv) o número de citações do termo k-shaped recovery no corpo do texto; v) apresentar o objetivo do autor no texto elaborado; vi) explicitar o contexto da citação do termo k-shaped recovery pelo autor; vii) apresentar uma síntese dos resultados ou conclusões do texto.

Síntese dos dados: A síntese dos dados é feita mediante análise qualitativa, levando em conta os títulos atribuídos às colunas mencionadas no tópico de extração dos dados. Além disso, o conceito de K-shaped recovery parece fortemente marcado por aspectos sociais e não se preocupa em todos os casos em se sustentar de modo derradeiro em amostras ou dados acurados. Por isso mesmo, o máximo que parece possível é sumarizar os textos e extrair tendências ou aplicações gerais - ao menos por enquanto, considerando que o mundo ainda vive o cenário pós-pandemia e amostras mais acuradas - de (des)igualdade entre classes sociais e países decorrentes da recuperação da crise da covid - só poderão ser coletados

de maneira mais rigorosa futuramente.

A seguir, são apresentadas duas tabelas: **i)** uma contendo os materiais que puderam ser consultados, bem como número de citações do termo objeto do mapeamento sistemático no corpo do texto (não foram consideradas citações em rodapé em material utilizado como referência do material consultado); e **ii)** outra tabela contendo o contexto em que as citações do termo objeto de pesquisa estão inseridas. Por objetividade e clareza, apenas as referências que efetivamente foram incorporadas ao corpo dos resultados serão abordadas nessa tabela.

2. RESULTADOS

Os resultados de pesquisa serão apresentados em três subtópicos. Num primeiro momento, a preocupação está em analisar em que medida o termo de *K-shaped recovery* é utilizado pela literatura de modo academicamente rigoroso – ou, por outro lado, se realmente há alguma preocupação acadêmica no uso do termo ou se se trata de mero recurso linguístico-imagético usado com finalidades retóricas. O segundo subtópico está voltado à análise do uso da expressão *K-shaped recovery* para se referir a divergência entre países pobres e ricos, mais ou menos prejudicados pela crise da Covid-19. Por fim, o terceiro subtópico é destinado a discutir alternativas - apontadas pela literatura selecionada ou derivada da síntese dos dados extraídos - para mitigar o efeito K internamente (na economia de cada país) e internacionalmente (na relação entre países).

2.1 K-shaped recovery: delimitação conceitual

Quanto à origem e ao uso, o termo *K-shaped Recovery* é recente e a análise dos textos selecionados não apontou nada que contradissesse a afirmação de Atwater (2020) de que foi o responsável pela disseminação do termo. As várias citações realizadas nos 48 textos selecionados, em regra, não tem qualquer preocupação em apontar uma fonte ou um criador da expressão. Na imensa maioria das vezes, a citação da expressão *K-shaped recovery* é feita como mero recurso linguístico-imagético, em oposição a outras formas de recuperação econômica já amplamente reproduzidas pela literatura: como recuperação em U, V, L ou W.

Para compreender melhor o que essas letras querem dizer e contextualizar os resultados a seguir, é necessária uma breve explicação sobre o

que cada uma dessas formas de recuperação traduzidas por letras quer dizer.

A começar pela recuperação em “V”, esta é a forma mais otimista de recuperação econômica, que se caracteriza por uma recuperação rápida e robusta após um declínio acentuado da economia. Esta forma lembra a letra “V” porque após um curto período de recessão, a economia se recupera rapidamente, retornando ao nível anterior de atividade econômica ou mesmo superando-o.

A recuperação em “U”, por sua vez, ocorre quando a economia enfrenta um período prolongado de atividade econômica negativa antes de começar a melhorar. Essa forma se contrapõe à rápida recuperação do cenário em “V”: a recuperação em “U” implica um período de baixa ou estagnação antes de a economia começar a se recuperar. A parte inferior do “U” pode durar por tempo variável, mas a principal característica é que a recuperação ocorre de forma gradual e constante.

Quanto à recuperação em “L”: é a mais pessimista. Após um declínio, a economia se estabiliza em um nível mais baixo e não retorna ao seu nível anterior. Permanece assim por um período prolongado. É o retrato de uma economia que, na verdade, não consegue recuperar o terreno perdido.

Já a recuperação em “W” acontece quando a economia experimenta uma melhora seguida por uma rápida recaída antes de se recuperar novamente, formando um padrão que se parece com a letra “W”. Esta situação ocorre quando a economia não é capaz de sustentar a recuperação após a primeira melhora, levando a uma segunda recessão antes da recuperação definitiva.

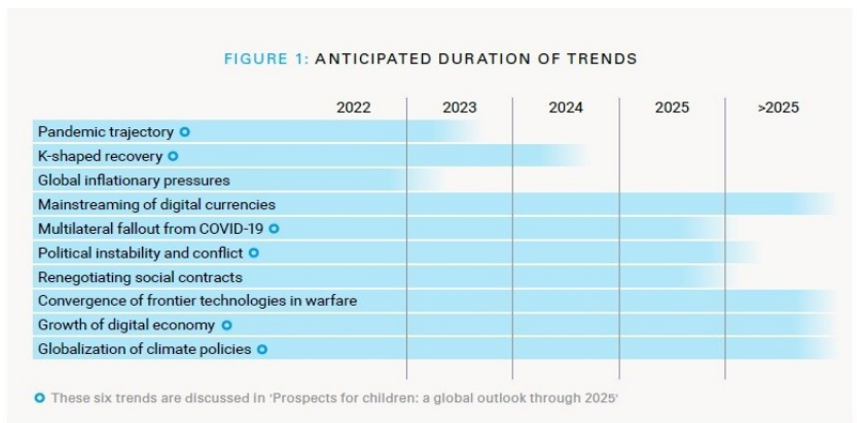
Finalmente, a forma de recuperação que é estudada neste trabalho é a recuperação em “K”, que representa uma situação desigual. Durante uma recuperação em K, algumas partes da economia se recuperam ou até mesmo crescem, enquanto outras partes continuam a declinar ou se recuperam muito mais lentamente. Esse fenômeno é comum em recessões que impactam diferentes setores da economia de maneiras desiguais.

Em seu texto veiculado no LinkedIn, Atwater (2020) afirma que a expressão *Recuperação econômica em K* é uma narrativa de sucesso (termo que usa baseado no *Narrative Economics* de Robert Shiller, que versa sobre a importância de *histórias* para a economia). Uma narrativa viral que

capta algo que todos já estão vivenciando; por isso mesmo, todos sabem o que representa. Na leitura dos textos selecionados para redigir este Trabalho de Conclusão de Curso, nada indicou o contrário do que é afirmado por Atwater. De fato, os poucos que se preocuparam em referenciar a expressão citaram Atwater, em especial os textos: *The recession is over for the rich, but the working class is far from recovered* (2020) e *COVID-19 in Indonesia: Impacts on the Economy and Ways to Recovery* (2022). No mais, os autores usam a expressão como solo comum. Quando muito, explicam o termo em oposição às recuperações em U, V ou L.

No estudo *Prospects for children in 2022: a global outlook*, da UNICEF (2022), o termo *K-shaped recovery* é indicado como uma trend que influencia o debate econômico e, conseqüentemente, reflete na realidade das crianças atualmente. A Figura 1 – retirada do estudo citado - apresenta a expectativa da duração dessa trend:

Figura 1: Antecipação de Trends



Fonte: UNICEF (2022)

Como a Figura sugere, texto anterior da UNICEF já cuida da *K-shaped Recovery* e traz dados interessantes sobre a recuperação econômica em duas velocidades, se comparados países ricos e pobres. De toda forma, o texto escapou dos critérios de inclusão e exclusão salientados anteriormente e não pode ser objeto de análise por aqui.

Quanto ao conteúdo, parece haver consenso sobre o significado do

termo: recuperação (ou não recuperação) ocasionadora de desigualdades. Veja os exemplos:

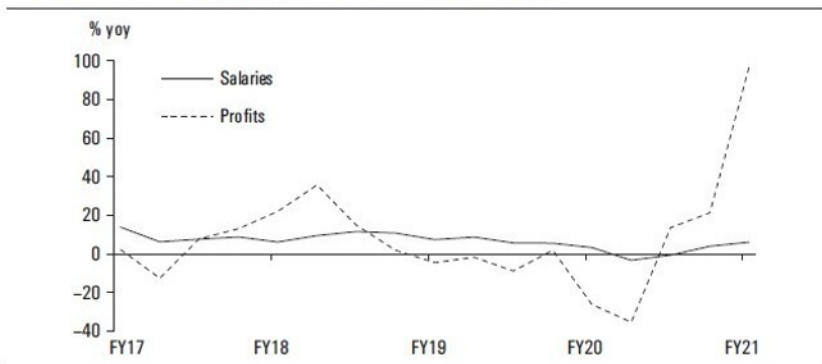
Goldstein (2021) analisa o contexto do Reino Unido e ressalta que a pandemia exacerba desigualdades e vulnerabilidades existentes e desafia a segurança nutricional de muitas pessoas à medida que a pandemia avançava – isso simboliza a terminologia de uma recuperação em “forma de K”, que descreve a provável bifurcação econômica e social decorrente das recuperações da pandemia.

Mahendra Dev (2021) analisa o contexto da Índia e a necessidade de se abordar a desigualdade crescente e o fenômeno de recuperação em K que, segundo dados citados em seu trabalho, impactou a economia indiana após a primeira onda da covid – ocasião em que a participação dos salários caiu em relação aos lucros e o lucro de grandes empresas listadas em bolsa cresceu - e deveria impactar também após a segunda onda.

Ainda sobre a Índia, o texto *COVID-19 and India's Macroeconomy: Pre-existing Conditions, Performance, and Prospects* traz dados interessantes sobre o efeito K em dois aspectos: i) no abismo entre o patamar dos lucros e os salários (listadas em bolsa); e ii) a recuperação mais lenta (ou não recuperação) das 500 empresas menores listadas em bolsa em relação às 100 maiores empresas. Veja (Figura 2):

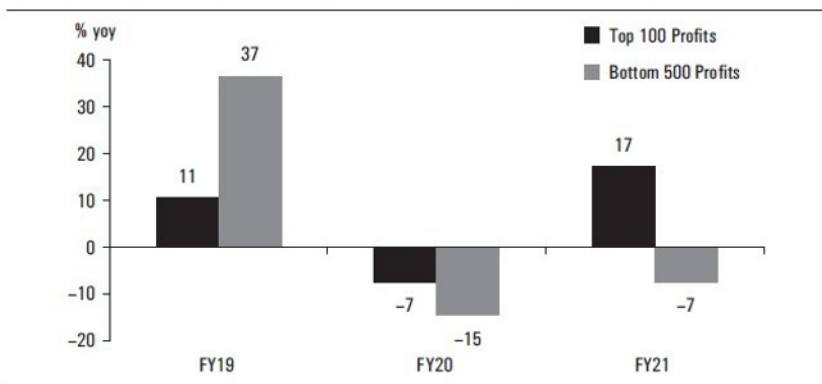
Figura 2: Lucros vs. Salários

FIGURE 24. Listed Corporate Profits versus Salaries



Source: 2000 listed non-financial companies' data and J.P. Morgan.

FIGURE 25. Listed Corporate Profits—Large versus Small Firms



Source: 2000 listed non-financial companies' data and J.P. Morgan.

Fonte: Chinoy, S. Z.; Jain, T. (2022)

Palma (2022) analisa os impactos da financeirização da Economia no contexto estadunidense e traz gráficos para demonstrar que o pânico do Covid-19 levou a uma queda brusca, de aproximadamente um terço no índice S&P500, apenas para se converter logo em seguida em um alta acentuada. Mas, com acidez, Palma (2022) ressalta que a aparente recuperação em “V” no índice esconde uma alma em “K” – principalmente por uma desvinculação entre ‘Wall Street e Main Street’. A Figura 3 demonstra o gap entre o índice S&P 500 e o crescimento estadunidense em meados de 2020:

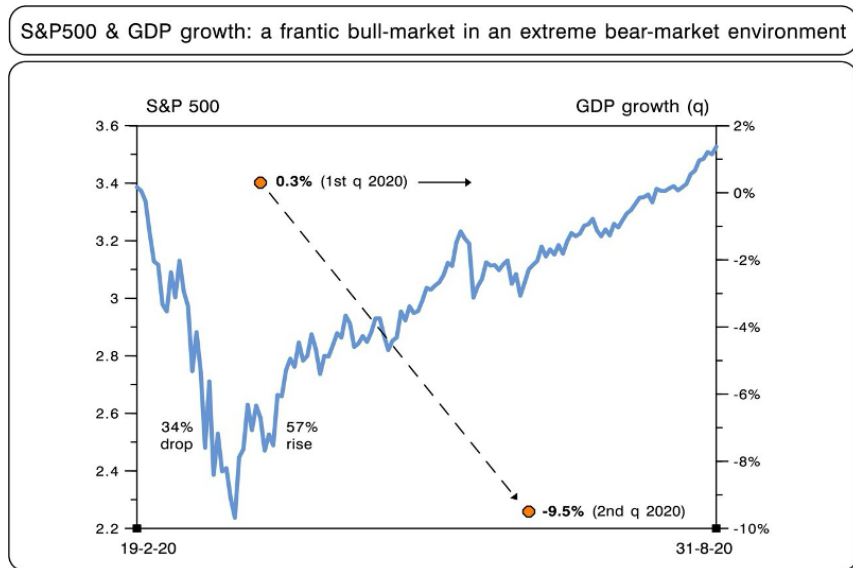
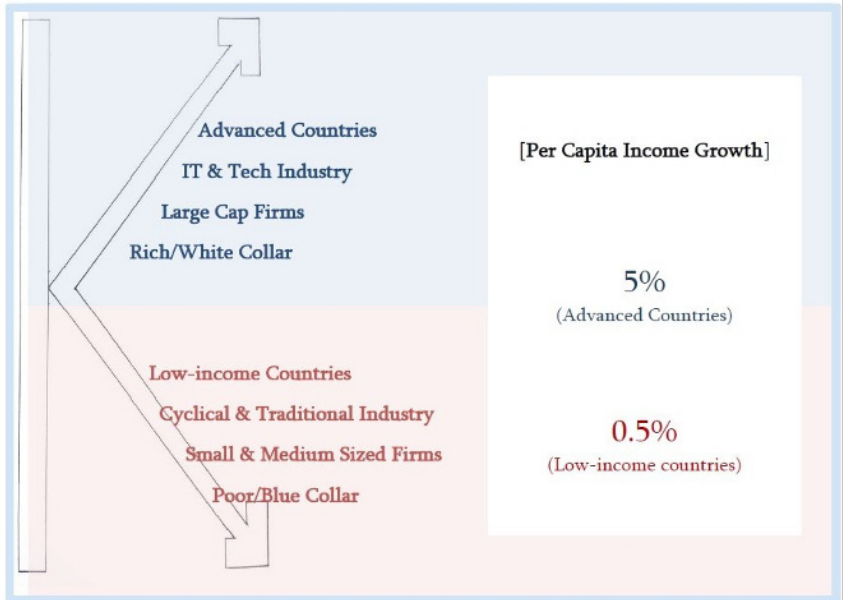


Figura 3: Economia Real vs. Wall Street Fonte: Palma (2022)

Jun, Park e Kim (2022) conceituam a recuperação econômica em K como um caminho da recuperação que se bifurca em duas direções e cria uma curva recuperação em forma de K. O termo se refere às diferentes taxas de recuperação econômica em todo o mundo a partir da pandemia do COVID-19. Dizem, ainda, que ao contrário das recuperações econômicas típicas em forma de V, W, Z, U e L, uma recuperação em forma de K é caracterizada por duas tendências contraditórias. Uma tendência rápida para alguns grupos e um atraso persistente para outros grupos. Como consequência, houve o agravamento de desigualdades socioeconômicas existentes. “Os ricos ficam mais ricos e os pobres mais pobres”.

A Figura 4 – extraída do texto *Digital Transformation Landscape in Asia and the Pacific: Aggravated Digital Divide and Widening Growth Gap*, de Jun, Park e Kim (2022) - sintetiza os principais afetados e beneficiados pela *K-shaped Recovery*. E, mais do que isso, parece resumir o sentido mais ou menos comum que tem sido empregado pela literatura para explicar o fenômeno da recuperação econômica em K. Veja:

Figure 2: K-shaped recovery from the COVID-19 pandemic (1)



Sources: Modified by the authors based on references from World Economic Forum, J.P. Morgan, World Bank and Investopedia.

Figura 4. Recuperação econômica em K Fonte: Jun, Park e Kim (2022)

Por fim, Osberg (2021) traz o conceito de insegurança econômica que parece ser a ideal central subjacente ao termo *K-shaped Recovery*. Os dados da recuperação pós-pandemia ainda estão vindo e por vir, surgindo pouco a pouco. Não há como falar em definitivo num *pós-pandemia*, num pós-crise da Covid 19. A questão é: uns estavam (e estão) mais expostos do que outros às adversidades da crise. A ansiedade causada por essa exposição mais intensa aos riscos – que podem ou não se confirmar posteriormente – é justamente o que caracteriza a insegurança econômica. Países pobres, pequenas e médias empresas, pessoas pobres etc. desde sempre estão mais expostas aos riscos de uma não recuperação num pós-crise: tendem mais facilmente à perna inferior do K, da recuperação em K. É verdade que, a pobreza, miséria ou falência podem ou não se confirmar. Dados posteriores e gráficos de longo prazo podem suprimir a narrativa de um efeito K; mas, a ansiedade decorrente da insegurança econômica do *agora* pesa muito mais sobre quem desde sempre está mais

exposto aos riscos – é mais frágil diante das crises e das adversidades.

Com base nesses dados, não parece equivocado concluir ao menos duas coisas: i) não há uma preocupação por parte da literatura em pontuar quem cunhou o termo *K-shaped recovery*, e até mais do que isso: não há qualquer pretensão em delimitar o conceito em termos estanques ou dogmáticos – é um fenômeno vivo, uma narrativa econômica viral que tenta explicar algo que as sociedades ainda estão vivendo e compreendendo; ii) apesar de não existir uma preocupação acadêmica rigorosa com o uso do termo *K-shaped recovery*, todos parecem utilizá-lo com alguma coerência e repassando uma mensagem mais ou menos parecida e compartilhando um sentido comum: sobre insegurança econômica – que pode, ou não, se materializar em pobreza e miséria posteriormente.

2.2 Divergências entre países ricos e pobres

O objetivo deste subtópico é analisar como o material selecionado aborda o gap na recuperação entre países ricos e pobres – a recuperação em K em termos internacionais, portanto. Dentre vários motivos interessantes para justificar a análise dessa divergência, o que é sublinhado por Ahmed e Kozul-Wright (2021) se destaca: o mundo interdependente de hoje é tão forte quanto o seu participante mais fraco.

Para começar, o enfrentamento da crise não ocorreu da mesma forma em todos os países, por razões óbvias: é impossível que o Brasil direcione a mesma quantidade de recursos para programas sociais do que um país rico como os Estados Unidos. O estudo *Prospects for children in 2022: a global outlook*, da UNICEF, fornece uma ideia da divergência entre o impulso fiscal fornecido durante a crise por países de economias avançadas em relação às economias em desenvolvimento, em relação ao crescimento. Veja (Figura 5):

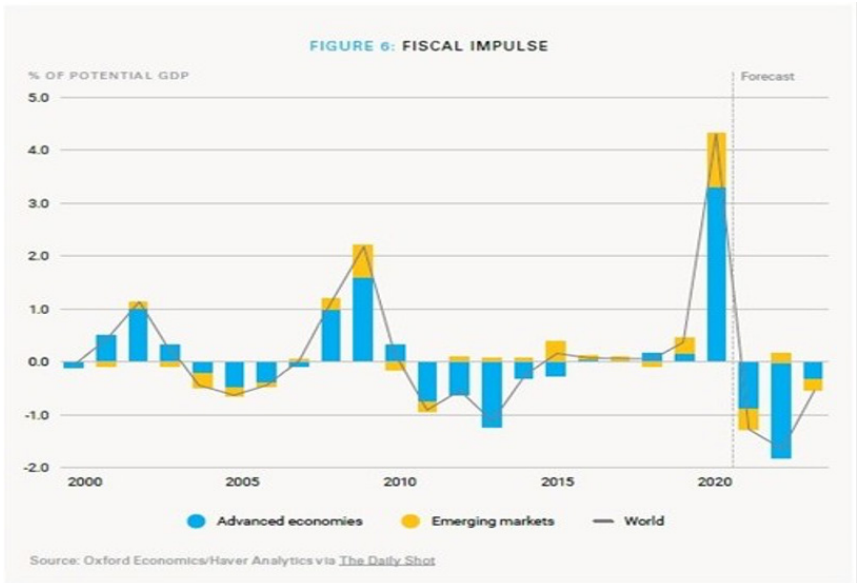


Figura 5: Divergência de impulsos fiscais entre economias avançadas e emergentes Fonte: UNICEF (2022)

Já a Figura 6 demonstra o impacto da pandemia na trajetória de crescimento, com estimativas para Janeiro de 2022, abordando o Mundo, economias avançadas, mercados emergentes (excluindo China), China e países de baixa receita. Veja:

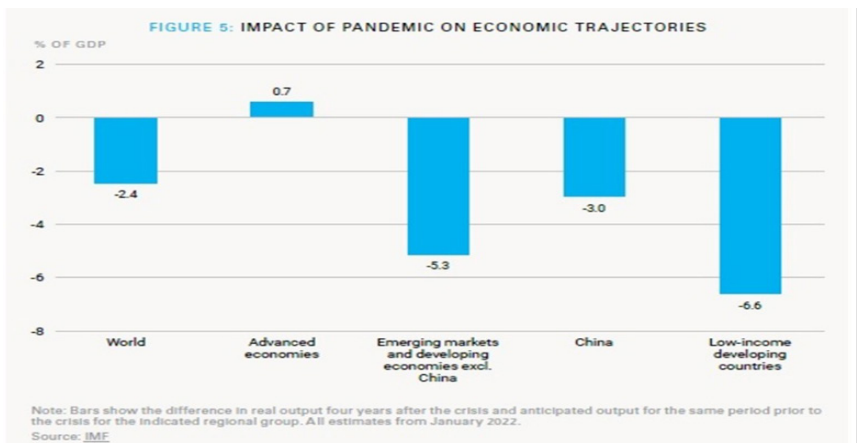


Figura 6: Pandemia vs. Trajetória de Crescimento Fonte: UNICEF (2022)

Relatório do Economic and Social Commission for Asia and the Pacific [ESCAP], intitulado *Financing a Sustainable Recovery from COVID-19 and Beyond: Asia-Pacific Countries with Special Needs Development Report 2022* (2022), reforça o que é indicado pela Figura, com foco no contexto dos países da Ásia e do Pacífico. O nível de estímulo fiscal é altamente desigual entre os países: os países menos desenvolvidos (PMDs) destinaram 1,7% de seu PIB agregado a pacotes de estímulo desde o início da pandemia até dezembro de 2020. Esse valor é significativamente menor do que a média de 6,6% do PIB para todos os países em desenvolvimento da região da Ásia e Pacífico, uma indicação de seu espaço fiscal limitado para responder à crise. Em decorrência disso, afirma o risco crescente de uma chamada recuperação “em forma de K”, na qual alguns grupos de países se recuperam muito mais lentamente do que outros, contribuindo para a polarização econômica durante a recuperação econômica pós-pandêmica

O setor de tecnologia foi um dos mais beneficiados pela pandemia. Outro relatório do ESCAP, de título *Digital Transformation Landscape in Asia and the Pacific: Aggravated Digital Divide and Widening Growth Gap*, de Jun, Park e Kim (2022), aponta que a pandemia da COVID-19 transformou as atividades socioeconômicas em todo o mundo em uma velocidade e escala sem precedentes. Houve adoção crescente da tecnologia entre 2019 e 2021, segundo dados extraídos de enquete feita com executivos nos dois períodos. A taxa geral de adoção de tecnologia aumentou de aproximadamente 75% em 2019 para quase 95% em 2021. Empresas adotaram tecnologias inovadoras mais rapidamente durante a pandemia, como rede móvel de quinta geração (5G), inteligência artificial (IA), big data, computação em nuvem, Internet das Coisas (IoT), robótica etc. Isso aumentou a distância entre líderes e retardatários nos negócios, uma vez que os benefícios da transformação digital não foram distribuídos igualmente. Assim, ainda que muitas partes do mundo estejam se recuperando da pandemia, o caminho da recuperação parece se bifurcar em duas direções, criando uma curva de recuperação em forma de K.

O estudo de Jun, Park e Kim (2022) foi além e criou um Índice de Transformação Digital (DTI – Digital Transformation Index) para ranquear os países segundo 105 indicadores detalhados no artigo, apresentando uma pontuação de 0 a 100 na escala DTI para cada país analisado. Ao todo, 107 países foram analisados e ranqueados em cinco níveis distintos (S, A, B, C e D), sendo S a maior gradação e D a pior. E, como já era de se esperar, países com altas receitas tem um índice de transformação digital com *score* mais alto em relação àqueles mais pobres (o Brasil é o 51º no ranking de DTI, com nível B – acima de 40 pontos). A Figura 7 mostra a relação entre a riqueza dos países e o nível de transformação digital:

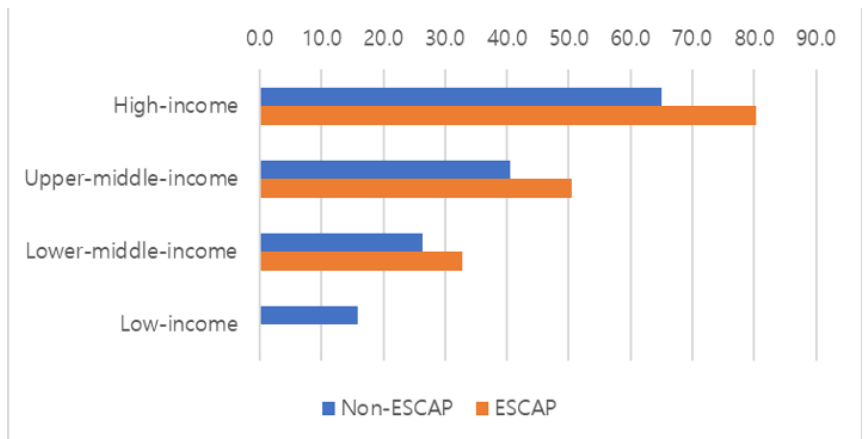


Figura 7: Riqueza vs. Transformação Digital Fonte: Jun, Park e Kim (2022)

O fenômeno K se agrava ao passo que os líderes da transformação digital têm uma projeção de receita consideravelmente maior em relação aos retardatários desse processo. Enquanto os líderes aumentavam as receitas duas vezes mais do que os retardatários em meados 2019, de acordo com sua pesquisa de 2021 (a mesma que versa sobre a adoção das tecnologias, que cresceram de 75 para 95% entre 2019 e 2021), os líderes agora crescem cinco vezes mais rapidamente que os retardatários Veja (Figura 8):

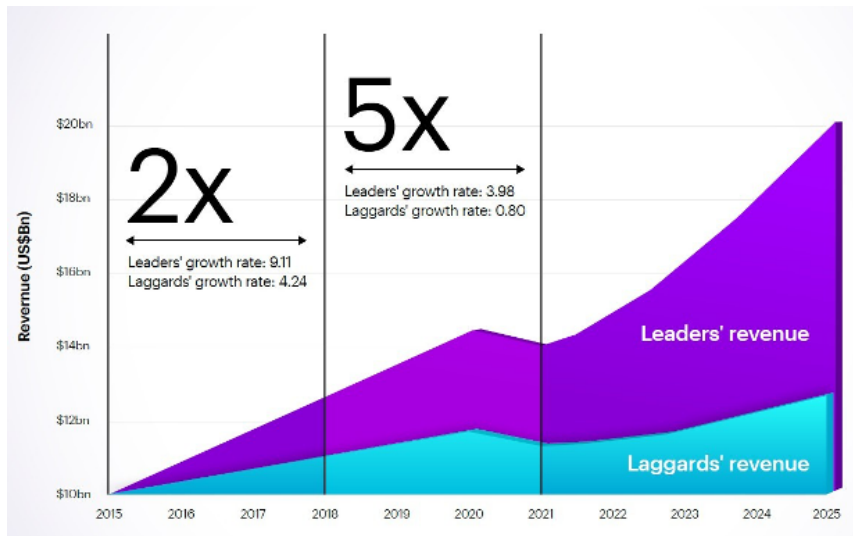


Figura 8: Líderes vs. Retardatários Fonte: Jun, Park e Kim (2022)

Para entrar na discussão específica do caso do Brasil, o cenário dos países de renda média precisa ser evidenciado. O Brasil é caracterizado como um país de renda média, ao lado de outros países como Argentina, Turquia, Rússia e México. Dasgupta, Dierckxsens e Verick (2021), abordam o contexto dos países de renda média e como foram severamente afetados pela pandemia de COVID-19, especialmente devido à informalidade do mercado de trabalho nesses países. Os autores apontam que a recuperação econômica e de empregos pós-pandemia seria um desafio, pois o impacto da crise se deu de forma desigual entre diferentes setores e grupos da sociedade, como mulheres, jovens e trabalhadores migrantes. A recuperação poderia se dar em forma de K, com alguns setores emergindo da crise enquanto outros continuariam a afundar ainda mais.

Diante disso, é enfatizada a necessidade de políticas que evitem a ampliação de desigualdades existentes e a criação de novas divisões na economia. Os autores também destacam o impacto da crise no mercado de trabalho ter sido diferente em relação economias avançadas. Embora a crise de saúde tenha sido mais grave em países avançados em termos de incidência populacional (ao exemplo dos Estados Unidos), a crise econômica foi muito mais intensa em alguns países de renda média, e a re-

cuperação tenderia a levar mais tempo. A crise exacerba desigualdades existentes e cria novas, como a divisão digital, que tornou a recuperação ainda mais desafiadora. Finalmente, os autores destacam a importância de políticas que garantam que a recuperação não aumente as desigualdades existentes e crie novas divisões na economia, resultando em uma recuperação em forma de K, com setores emergindo da crise enquanto outros afundam.

Outro aspecto que merece ser analisado é sobre a financeirização na pandemia e as consequências desiguais para países ricos e pobres, que é analisado no texto “*Finance as an (ever more fragile) ‘perpetual mania’: have they all lost their collective minds? How the new alchemists distorted Kindleberger’s financial-crisis cycle, and how the abundance of easy rents led to lazy elites*”. Nesse texto, Palma (2022) evidencia que durante a pandemia de 2020, o mercado de IPOs no Brasil teve seu maior ano desde o início do governo Lula em 2007. O Quantitative Easing (QE) fez com que gestores de ativos buscassem maiores rendimentos nos países do Sul. Os retornos foram astronômicos em países como o Brasil, com taxas médias de juros de 240% ao ano. Essa situação só poderia se manter enquanto as taxas de câmbio nos mercados emergentes consentissem. Quando bancos centrais nos países em desenvolvimento absorviam esses ativos estrangeiros, também criavam passivos e imprimiam dinheiro, permitindo que os bancos locais emprestassem mais. Mas mesmo quando esses fundos criavam novas capacidades produtivas, tendiam a ser nos “lugares errados”. Com isso, ativos surgiam no exterior e os passivos eram mantidos em casa.

As consequências políticas da desigualdade são evidenciadas no texto “*Varieties of Nationalism in the Age of Covid-19*”. Jenne (2022), ressalta que os surtos de Covid-19 foram terreno fértil para movimentos populistas etnonacionalistas ou etnopopulistas, que privilegiaram um subconjunto político de um grupo étnico nacional dominante. Etnopopulistas se comprometem a proteger o “povo-nação” de elites hostis e não-nacionais, que são considerados conspirando para minar a dominância do núcleo etnopolítico. Na visão etnopopulista, a verdadeira comunidade soberana “autêntica” se estende apenas ou principalmente a um determinado subconjunto político ou social do grupo etnopolítico dominante - “o povo”. O etnopopulismo também é visto como uma estratégia de elite para ganhar votos e concentrar poder, e muitas vezes culpar grupos externos ou outros

designados é uma maneira que as sociedades têm de dar sentido aos efeitos devastadores de doenças contagiosas, enquanto também os tornam parecer controláveis. Em resumo, o etnopopulismo é uma ideologia política que se baseia em uma definição restrita de comunidade nacional e busca proteger essa comunidade de supostas ameaças internas e externas. Para compreender melhor esse conceito, Jenne (2022) traz a Figura 9:

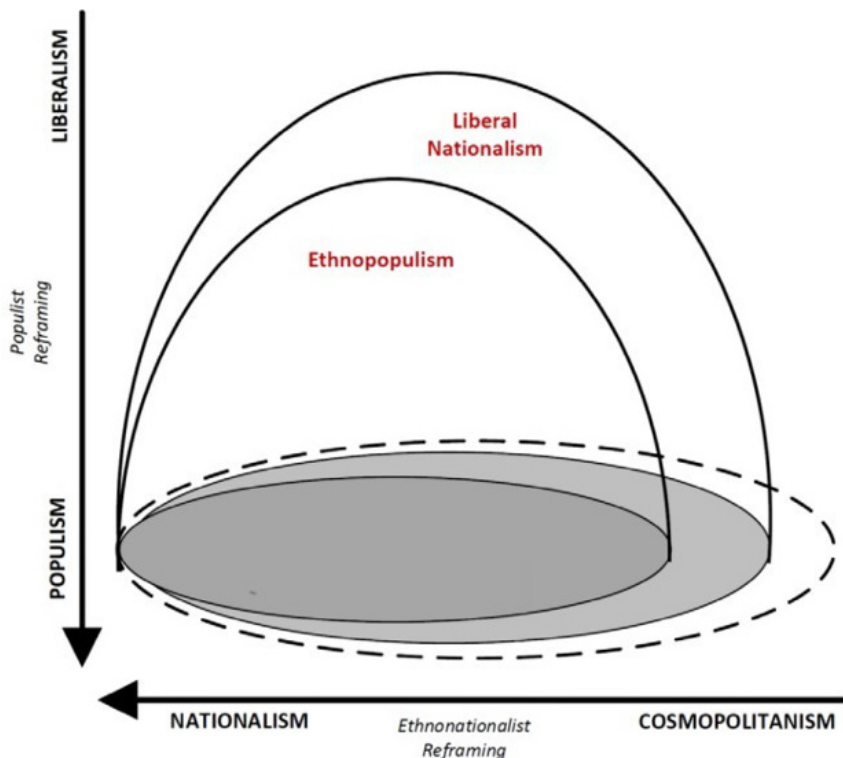


Figura 9: Etnopoulismo Fonte: Jenne, E. (2022)

Para encerrar este subtópico, é preciso retomar a discussão sobre a importância da (in)segurança econômica. Osberg (2021) frisa que a insegurança econômica não se confunde com pobreza, miséria e desigualdade, mas disso não decorre que a segurança econômica é desimportante para o bem-estar humano; de toda forma, diferentes países ao redor do mundo nos últimos anos têm maior ou menor segurança econômica e conseqüentemente estão mais ou menos expostos às adversidades da cri-

se. Ironicamente, o abismo de desigualdades entre países e a insegurança econômica decorrente não é negativa apenas para os mais expostos. A insegurança econômica pode causar estabilidade internacional.

Osberg (2021) sustenta que, sem programas de proteção social que realmente forneçam segurança econômica aos indivíduos de forma contínua, a raiz do problema da crescente insegurança econômica se agrava. Com isso, regimes autoritários podem manter sua legitimidade política desviando continuamente as ansiedades de sua população para a importância vil dos inimigos externos e internos (cita como exemplo o caso do governo brasileiro da época, também exemplifica com Índia e Estados Unidos). Vai além e afirma que a pandemia e a recessão do Covid-19 são um tipo extremo de teste de estresse para as pessoas e seus governos, no mundo todo. A crise aumentou massivamente a pobreza global, a desigualdade de renda do mercado e a insegurança econômica. Mas, como ainda não acabou, não é possível saber quais lições de economia política para a insegurança econômica os cidadãos do mundo aprenderão com isso.

Quanto ao futuro, com a busca da consolidação da Agenda 2030 e dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, firmados internacionalmente, estudo do *Economic and Social Commission for Asia and the Pacific* [ESCAP] (2022) menciona que, ainda que países pobres tenham feito progressos consideráveis em direção ao desenvolvimento socioeconômico durante a década até 2020, a pandemia do COVID-19 impactou os esforços na implementação da Agenda 2030. Esses países desviaram recursos escassos para amortecer impactos sociais e econômicos da pandemia, ampliando ainda mais as lacunas de financiamento para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Mesmo antes da pandemia, nenhum dos países com necessidades especiais estava no caminho certo para atingir os ODS até 2030. A situação se agravou com a crise.

Já o texto *COVID-19 and Cities: Experiences from Latin American and Asian Pacific Cities*, enfoca as difíceis circunstâncias causadas pela especificamente no contexto das cidades de Ásia e do Pacífico e da América Latina. O estudo sustenta que a pandemia obrigou a sociedade a reconsiderar os limites e as possibilidades dos espaços urbanos como meio para o florescimento humano. O texto diz ainda que, em tempos de crise, a pandemia também deu a oportunidade de imaginar cidades melhores e

buscar caminhos de desenvolvimento mais sustentáveis. A superação da desigualdade, da pobreza e do acesso deficiente a serviços tornam grande parte da população urbana latino-americana mais vulnerável, do período pré-pandemia. Daí que, tentar superar a crise sem uma mudança estrutural levaria a uma “recuperação em forma de K” que aprofundaria desigualdades e contradições existentes.

Com base nos aspectos ressaltados neste Trabalho de Conclusão de Curso, com base na literatura selecionada, os resultados deste subtópico apontam para a necessidade de olhar para os abismos econômico entre as sociedades, entre os países ricos e os países pobres. É mais do que simplesmente altruísmo, pensar sobre a sustentabilidade em termos globais de níveis tão alarmantes de desigualdade.

2.3 Alternativas inteligentes

A pesquisa trouxe dados interessantes que podem dar indicativos para mitigar as desigualdades e/ou contribuir para o aprendizado global. A leitura do material selecionado apontou para a necessidade de se dedicar maior atenção ao menos a dois pontos (inclusive para destinação de investimento): i) atenção à transformação digital; e ii) pensar um crescimento global sustentável, levando em conta a inegável interdependência dos países.

Quanto ao primeiro aspecto, relatório do ESCAP (2022) sobre transformação digital destacou a crescente importância das tecnologias digitais em nossas sociedades, afetando seriamente todos os cantos do mundo – o que foi escancarado pela pandemia da COVID-19. Embora países estejam se recuperando da crise, uma recuperação econômica global desigual apenas agrava as desigualdades pré-existentes e amplia as divisões. Como resultado, reconstruir melhor por meio de políticas nacionais concertadas e cooperação digital coordenada tornou-se uma das agendas mais importantes.

Quanto ao segundo aspecto, o texto *Pursuing the Sustainable Development Goals in a World Reshaped by COVID-19* (2021) traz uma argumentação interessante no sentido de que a comunidade global se depara com escolhas importantes à medida que avança além da pandemia. Antes da pandemia, diz o estudo, a trajetória para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável já não era adequada, e a pandemia prejudicou

ainda mais a capacidade global de “não deixar ninguém para trás”. Mas, a pesquisa mostra que uma mudança nas prioridades de desenvolvimento é possível e pode ser muito produtiva. Com investimentos suficientemente estratégicos e ousados nos principais impulsionadores do desenvolvimento, a comunidade global pode ir além de uma crise e entrar em uma oportunidade. Investir no desenvolvimento sustentável precisa continuar sendo uma prioridade global e, se feito de forma eficaz, pode ajudar a alcançar resultados futuros de desenvolvimento muito além do que era provável antes da COVID-19.

Já o texto *COVID-19 and Cities: Experiences from Latin American and Asian Pacific Cities* aponta uma necessidade fundamental de alterar a forma como sociedade urbana se desenvolve, caso a humanidade queira sobreviver. A visão atual, diz o texto, é míope na medida em que é baseada apenas nas necessidades dos vivos. Por outro lado, é essencial um planejamento inteligente que leve em conta a preparação para o futuro para aqueles que virão. E o estudo sustenta que não há lugar melhor para realizar essa transformação do que a cidade – o centro de inovação, talento e oportunidade. Isso porque, durante a pandemia do COVID-19, a cidade mostrou que é o lugar perfeito para se preparar para os desafios desconhecidos do futuro. E a chave seria tornar as cidades resilientes e equitativas, pois só assim será possível oferecer espaços para uma vida mais digna e segura.

Ahmed e Kozul-Wright (2021), por fim, lembram que o mundo interdependente de hoje é tão forte quanto o seu participante mais fraco. Por isso mesmo, a preocupação com um crescimento sustentável de todos é essencial para toda a comunidade global. Daí que, a conclusão do trabalho dos autores e também deste subtópico é no sentido de que um *Global Green New Deal* é essencial para imunizar a economia do mundo todo contra novas crises e viabilizar prosperidade e segurança para toda a humanidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, o conceito de *K-shaped recovery* foi o principal objeto de pesquisa, além da sua aplicabilidade no contexto econômico brasileiro. Através da análise das discussões apresentadas, as considerações finais são as seguintes:

O conceito de K-shaped recovery foi originalmente concebido para descrever a recuperação econômica nos Estados Unidos, onde grupos sociais distintos experimentaram diferentes taxas de recuperação após a crise. Embora o termo tenha surgido fora do espaço acadêmico, ele foi rapidamente incorporado pela literatura especializada, mas sem preocupação com uma delimitação teórica precisa: o que se tentou fazer aqui.

A análise do uso do termo *K-shaped recovery* se mostrou relevante na medida em que evidencia um duplo efeito K: a divisão interna entre ganhadores e perdedores em diferentes grupos sociais e uma ampliação das desigualdades entre nações ricas e pobres. A análise do caso brasileiro parece confirmar esse duplo efeito K. A tentativa de elucidar estratégias de mitigação das disparidades entre ganhadores e perdedores a partir da literatura consultada revelou que investimentos em tecnologia digital e políticas públicas direcionadas à redução das desigualdades podem ser cruciais para promover uma recuperação econômica mais equilibrada.

Finalmente, o Mapeamento Sistemático permitiu esclarecer o conceito de K-shaped recovery e forneceu bases mais sólidas para trabalhos futuros que explorem ainda mais este fenômeno, principalmente com a consolidação dos efeitos decorrentes da Pandemia da COVID-19 que ainda estão por vir.

Diante dessas considerações, é importante ressaltar a necessidade de políticas públicas e investimentos focados na redução das desigualdades e na promoção de uma recuperação econômica mais justa e inclusiva. A análise do K-shaped recovery no Brasil serviu para ilustrar a complexidade das trajetórias de recuperação econômica e a importância de considerar as peculiaridades de cada contexto ao elaborar soluções e políticas adequadas.

REFERÊNCIAS

AHMED, M.; KO ZUL-WRIGHT, R; ÜNAL, G. **Macro-economic and financial implications of the COVID-19 pandemic for the Global south**. 2021. Disponível em: < <https://www.oefse.at/fileadmin/content/Downloads/Publikationen/Oepol/Artikel2021/Article1-Macro-economic-and-financial-implications.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2022.

ANDERSON, K. Agriculture in a more uncertain global trade environment. **Agricultural Economics: The journal of the international asso-**

ciation of Agricultural Economists. United Kingdom. 2022. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/agec.12726>>. Acesso em: 21 mar. 2023. ASHFORD, E. **The Aftermath: American Power after COVID-19.** **Istituto Affari Internazionali [IAI].** 2020. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/resrep27580>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

ATWATER, P. **The K-Shaped Recovery: A Narrative Economics Case Study.** LinkedIn. 2020. Disponível em: <<https://www.linkedin.com/pulse/k-shaped-recovery-narrative-economics-case-study-peter-atwater/>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

BABIC, M.; CAMPBELL-VERDUYN; M., LINSI, L.; et al. **Global Political Economy of COVID-19.** 2021. Disponível em: <<https://www.unescap.org/kp/2022/asia-pacific-countries-special-Global-Political-Economy-of-COVID-19>>. Acesso em: 12 out. 2022.

BHUIYAN, S.; BRODEUR, A.; GRAY, D.; et al. A literature review of the economics of COVID-19. 2021. p. 1007–1044. In: Bhuiyan, S.; Brodeur, A.; Gray, D.; Islam, A. **Journal of Economic Surveys.** Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/joes.12423>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

BUNDERVOET, T.; DÁVALOS, M. E.; GARCIA, N. **The short-term impacts of COVID- 19 on households in developing countries: An overview based on a harmonized dataset of high-frequency surveys.** 2022. Disponível em: <<https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/35290>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

CHINOY, S. Z.; JAIN, T. **COVID-19 and India's Macroeconomy: Pre-existing Conditions, Performance, and Prospects.** 2022. Disponível em: <<https://ideas.repec.org/a/nca/ncaerj/v18y2022i2022-1p87-138.html>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

CIURIAK, D. **Into the Post-Pandemic: On the New World Orders and their Would-Be Architects.** 2021. Disponível em: <https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3591792>. Acesso em: 21 mar. 2023.

DASGUPTA, S.; DIERCKXSENS, M.; VERIECK, S. The Impact of the COVID-19 Crisis on Middle-income Countries. **The Indian Economic Journal.** 2021. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/00194662211023847>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

DOERR, S.; ERDEM, M.; FRANCO, G.; et al A. **Technological capacity**

and firms' recovery from Covid-19. 2021. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0165176521003797>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

ECONOMIC AND SOCIAL COMMISSION FOR ASIA AND THE PACIFIC [ESCAP]. **Financing a Sustainable Recovery from COVID-19 and Beyond: Asia-Pacific Countries with Special Needs Development Report.** 2022. Disponível em: <<https://www.unescap.org/kp/2022/asia-pacific-countries-special-needs-development-report-2022-financing-sustainable-recovery>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

ESPAÑA, A. **Un terremoto educacional: estimación de la brecha que dejó el cierre de las escuelas.** 2022. Disponível em: <<https://horizontalchile.cl/assets/uploads/2022/04/Un-terremoto-educacional-estimacio%CC%81n-de-la-brecha-que-dejo%CC%81-el-cierre-de-las-escuelas.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2023. FAUSTO, D. A.; RODRIGUES, F. L. M. **Normas para elaboração de trabalhos de conclusão de curso.** 3ª ed. I-Peçge, Piracicaba, São Paulo, Brasil. 2020.

FONTAN, C.; Et Usl-B, U. **Central Banking and Inequalities: Old Tropes and New Practices.** 2021. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/355468558_Central_Banking_and_Inequalities_Ol_d_Tropes_and_New_Practices>. Acesso em: 21 mar. 2023.

GODLEWSKA-DZIOBON, B; UJWARY-GIL, A. **Challenges in Economic Policy, Business and Management in the COVID-19 Era.** 2021. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/358118958_Challenges_in_Economic_Policy_Business_and_Management_in_the_COVID-19_Era>. Acesso em: 21 mar. 2023.

GOLDSTEIN, J. **A new era for trade?** In: AJIL Unbound. 2021., 52–56. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/journals/american-journal-of-international-law/article/new-era-for-trade/46C50F2450BD-5D3C0BA637A6A526C822>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

GUPTA, S.; SAHA, M. **Pandemics and Economy - A Review. International Journal of Social Science and Human Research.** 2021. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/354675246_Pandemics_and_Economy-_A_Review>. Acesso em: 21 mar. 2023.

HUGHES, B.; HANNA, T.; MCNEIL, K.; BOHL, K.; et al. **Pursuing the Sustainable Development Goals in a World Reshaped by**

COVID-19. 2021. Disponível em:

<<https://www.undp.org/arab-states/publications/pursuing-sustainable-development-goals-sdgsin-world-reshaped-covid-19>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

JASANOFF, S.; KENNEDY, H.; HILGARTNER, S.; et al. **Comparative Covid Response: Crisis, Knowledge, Politics Interim Report.** 2021. Disponível em:

<<https://compcore.cornell.edu/wp-content/uploads/2021/03/Comparative-Covid-Response-Crisis-Knowledge-Politics-Interim-Report.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

JENNE, E. **Varieties of Nationalism in the Age of Covid-19.** In: Nationalities Papers. 2022. p, 26–44. Disponível em: <<https://democracyinstitute.ceu.edu/articles/erin-k-jenne-varieties-nationalism-age-covid-19>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

JUN, S.; PARK, J.; KIM, J. **Digital Transformation Landscape in Asia and the Pacific: Aggravated Digital Divide and Widening Growth Gap [ESCAP].** 2022. Disponível em:

<<https://unescap.org/kp/2022/digital-transformation-landscape-asia-and-pacific-aggravated-digital-divide-and-widening>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

KAEWKITIPONG, L.; CHEN, C.; RACTHAM, P. **Examining factors influencing covid-19 vaccine tourism for international tourists.** In: Sustainability (Switzerland). 2021. 13(22). Disponível em: <<https://www.mdpi.com/2071-1050/13/22/12867>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

KIMURA, F. **Turmoil in The World Trading regime and Mega-FTAs in East Asia.** 2022. Disponível em: <https://www.apir.or.jp/files/whitepaper/2022/part01_chap01_sec06.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2023.

KING, R.; WELLESLEY, L.; HARWATT, H.; et al. **Implications of COVID-19 for UK food supply resilience Risks to food and nutrition security during and after the pandemic.** 2021. Disponível em: <<https://www.gov.uk/government/statistics/united-kingdom-food-security-report-2021/united-kingdom-food-security-report-2021-theme-3-food-supply-chain-resilience>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

LINDSAY, B.; GALÁN, D. **Leader Profile Series Is Joe Biden a Populist?**

An Analysis of Biden's Campaign Speeches. 2021. Disponível em: <https://populism.byu.edu/App_Data/LeaderProfiles/Is%20Joe%20Biden%20a%20Populist%20An%20analysis%20of%20Biden's%20campaign%20speeches.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2023.

LIU, J., WANG, D., ZHU, Y. **Segment Bull Market Under Covid-19 Pandemic.** 2022. Disponível em: <<https://www.atlantis-press.com/proceedings/icssed-22/125973952>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

LONG, H. The recession is over for the rich, but the working class is far from recovered. **The Washington Post.** 2020. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/road-to-recovery/2020/08/13/recession-is-over-rich-working-class-is-far-recovered/>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

LYSANDROU, P.; RANJBARAN, T. **Financialisation Reinforced: The Enduring Legacy of the Covid Pandemic.** 2021. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s43253-021-00053-4>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

MAHENDRA DEV, S. **Beyond India @75: Growth, Inclusion and Sustainability.** 2021. Disponível em: <<http://www.igidr.ac.in/working-paper-beyond-india-75-growth-inclusion-sustainability/>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

MONTOYA, M.; DANIELLEMUS-DELGADO EDITORS, J. COVID-19 and Cities: Experiences from Latin American and Asian Pacific Cities. In: Montoya, M., Daniellemus-Delgadoeditors, A. J. (2021). **The Urban Book Series.** Disponível em: <<https://www.springer.com/series/14773>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

NASH, C.; PINTO, S.; LEBRÓN, M.; et al. 2020 Keywords Symposium. **Theory & Event.** 2022 Disponível em: <<https://philpapers.org/rec/NASKS>>. Acesso em: 12 out. 2022.

NATHAN, D.; RODGERS, G. Introduction: The Critical Connection Between COVID-19 and Employment. **Indian Journal of Labour Economics.** 63, 1–9. 2020. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33013078/>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

NAUMANN, F.; MAGDIN, R.; CIOBANU, C.; et al. **The play book: liberal leadership and strategic communications in the COVID-19 Era.** 2021. Disponível em: <<https://www.freiheit.org/greece/playbook-liberal-leadership-and-strategic-communications-covid-19-era>>. Acesso

em: 21 mar. 2023.

OLIVEIRA, M.; EMÍDIO, P. “The Great Equalizer”? The Long-Term Effects of the COVID- 19 Pandemic on Poverty, Inequality, and the 2030 Agenda in Latin America. In: Montoya, M., Daniellemus-Delgadoeditors, A. J. (2021). **The Urban Book Series**. Disponível em: <https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-030-84134-8_7>. Acesso em: 21 mar. 2023.

OSBERG, L. **Economic Insecurity and Well-being**. 2021. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/353584175_Economic_insecurity_and_well-being>. Acesso em: 21 mar. 2023.

PALMA, J. **Financialisation as a (it’s-not-meant-to-make-sense) gigantic global joke**. On how easy rents lead to lazy elites (and a “latinoamericanised” West); on perpetual manias; on how theory and policy confuse “means” with “ends”; and on emerging countries as “financial markets of last resort. 2022. Disponível em: <<https://ideas.repec.org/p/cam/camdae/2211.html>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

PALMA, J. Finance as Perpetual Orgy. **How the “new alchemists” twisted kindleberger’s cycle of ‘manias, panics and crashes’ to ‘manias, panics and renewed-manias’**. 2020. Disponível em: <<https://www.networkideas.org/featured-articles/2020/11/finance-perpetual-orgy/>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

PALMA, J. **Finance as an (ever more fragile) “perpetual mania”: have they all lost their collective minds?** 2020. Disponível em: <<https://academic.oup.com/cje/article/46/4/773/6674383?login=false>>. Acesso em: 21 mar. 2022.

RAHMAN, M.; TOWFIQUL; I, KHAN; et al. **COVID-19 and Employment Related Adjustments**. 2021. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/355194158_COVID-19-and-Employment-Related-Adjustments-Findings-from-Household-Survey-in-Bangladesh>. Acesso em: 21 mar. 2023.

RODRÍGUEZ-COHARD, C.; JUSTE-CARRIÓN, J.; VÁZQUEZ-BARQUERO, A. **Local Development Policies: Challenges for Post-COVID-19 Recovering in Spain**. 2020. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/347171877_Local_Development_Policies_Challenges_for_Post-COVID-19_Recovering_in>

Spain_Symphonya_Emerging_Issues_in_Management_symphonyaunicus anoit>. Acesso em: 21 mar. 2023.

SOOREEA, R.; SOOREEA, B. The Impacts of COVID-19 on Business Practice: Some Key Insights. **Advances in Social Sciences Research Journal**, 8(12), 366–376. 2022. Disponível em: < <https://scholar.dominican.edu/barowsky-school-of-business-faculty-scholarship/13/>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

THAKUR, R.; NAYYAR, D. The Coronavirus Pandemic: India in Global Perspective. In: **The Asia-Pacific Journal. Japan Focus** (Vol. 19). 2021. Disponível em: <<https://apjjf.org/2021/3/Thakur-Nayyar.html>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

UJWARY-GIL, A.; GODLEWSKA-DZIOBON, B. **Solutions and research directions to the COVID-19 pandemic at the economy, industry and business levels: A literature review**. 2021. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/358126862_Solutions_and_research_directions_to_the_COVID-19_pandemic_at_the_economy_industry_and_business_levels_A_literature_review>. Acesso em: 21 mar. 2023.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA [UNICEF]. **Prospects for children in 2022: a global outlook**. 2022. Disponível em: <<https://www.unicef.org/globalinsight/reports/prospects-children-2022-global-outlook>>. Acesso em: 21 mar. 2022.

YAN ING, L.; CHATIB BASRI, M. **COVID-19 in Indonesia: Impacts on the Economy and Ways to Recovery**. 2022. Disponível em: <<https://www.eria.org/publications/covid-19-in-indonesia-impacts-on-the-economy-and-ways-to-recovery/>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

YUSUF, S.; LOPEZ-CORDOVA, E.; GREGORY, N. **Private Enterprise after the Pandemic: A Review of Alternative Scenarios**. 2021. Disponível em: < <https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/36520> >. Acesso em: 21 mar. 2023.

ZUREIK, E.; LYON, D.; CA, Z. Coronavirus surveillance and minority groups in Israel/Palestine. In: **The Middle East International Journal for Social Sciences** (Vol. 3, Issue 3). 2021. Disponível em: <<https://www.pal-estine-studies.org/en/node/1652782>>. Acesso em: 21 mar. 2023.